

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

REDACTOR : GOMES DOS SANTOS

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 400 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.

O ARTIGO POLITICO

Liberalismo e constitucionalismo

Tres periodicos catholicos, aliás distinctos pelas individualidades que os redigem, entenderam dever fazer reflexões sobre um artigo ultimamente apparecido na *Palavra*, onde se descrevia a evolução do constitucionalismo n'estes ultimos setenta annos tão cheios de amargura para Portugal.

Todos os articulistas adversarios (n'esta questão) quizeram ver no artigo da *Palavra* a apotheose do constitucionalismo e lamentavam, com palavras de benevolencia uns, com severidade contra-producente outros, que os jornaes catholicos «cabissem em semelhantes equivocos».

Ora, que dizia a *Palavra* no artigo em questão? Dizia que o constitucionalismo, como todas as formas de governo, era bom, que o seu advento fôra indicado pelas mais fortes correntes da epoca; mas que os homens que o exploraram, não comprehendendo a sua missão, fizeram fallir o systema e estragaram aquillo que, em absoluto, podia continuar historicamente a nossa prosperidade de outr'ora.

Replicou-se que o constitucionalismo é mau, que se baseia nos principios de 89, que é informado por principios liberaes, que a corrente que o ergueu era a corrente maçonica, etc.

Ha aqui uma confusão deploravel que só por um dos periodicos alludidos, a *Revista*

Catholica, foi indirectamente reconhecida. Essa confusão provem de se tomar o liberalismo pelo constitucionalismo, quando em realidade são cousas diferentes.

O liberalismo é um corpo de doutrinas condemnado pela Igreja; o constitucionalismo é uma forma de governo, que não só não é baseada no liberalismo, como se pretende, mas que, bem comprehendida, ainda lhe é contraria.

Os famosos direitos do homem, estabelecem, por exemplo, a liberdade individual absoluta; pois o constitucionalismo limita essa liberdade e manteem-na n'uma situação justa e rasoavel.

Os principios liberaes decretam a absoluta liberdade de cultos; o constitucionalismo (o nosso, pelo menos) limita essa liberdade, reconhece uma religião de Estado,

a religião catholica, e só permite o culto das outras em determinadas condições.

E, com estes dois exemplos, podiamos citar muitos mais.

Os principios constitucionaes, tão diferentes do condemnado liberalismo, teem-se mantido em Portugal? Não teem. Não se estranhe pois que se peça o seu restabelecimento, em toda a sua pureza, pois que preferimos o constitucionalismo puro a esse respeito fingido pela Carta que hoje para ali domina.

Diz-se que o constitucionalismo acabou com as ordens religiosas. Não é tanto assim. Quem acabou com as ordens religiosas não foram os homens de 1820, foram os homens de 1834.

Joaquim Antonio de Aguiar foi talvez, o primeiro homem publico que desrespeitou a Carta e que maculou, para todo o sempre, o systema.

Um dos maiores obstaculos á diffusão da propaganda catholica em Portugal teem sido, talvez, uns pruridos de intolerancia para com determinadas formas de governo; intolerancia que pode ser respeitavel pela intenção, mas que é lamentavel pelos resultados.

De resto, a doutrina da Igreja é bem clara sob este assumpto. A Igreja não reprova nenhuma forma de governo, quer se trate do absolutismo, do constitucionalismo ou do systema republicano, nem tem preferencia por nenhuma; deixa aos seus filhos a liberdade de optarem pelo systema que lhes parecer melhor.

Até hoje a Igreja catholica tem admittido como legitimas todas as formas de governo; e até as tem protegido quando ellas são informadas por principios justos e rasoaveis. Os antigos Estados da Igreja tiveram tratados com muitas nações desde as velhas nações feudaes até á Suissa democratica e á Veneza republicana.

E este invariavel procedimento em face dos systemas de governo foi bem definido ha poucos annos ainda pelo glorioso Pontifice Leão XIII, quando escreveu n'uma das suas immortaes Encyclicas: «Segundo os principios e regras da Igreja catholica, nenhuma das diversas fórmulas de governo, consideradas em si mesmas, é reprovada, porque não teem nada que repugne á doutrina catholica e podem, se as applicarem com justiça e sabedoria, garantir a prosperidade publica.



S. Cope, Bispo

Além d'isso não ha nada de reprehensível no facto do povo ter uma parte maior ou menor no governo; isto póde até, em certas occasiões e sob certas leis, tornar-se não sómente vantajoso, mas ainda ser um dever para os cidadãos.» (1)

Parece-nos pois que o constitucionalismo, forma de governo com intervenção do povo, não póde ser condemnado, nem deve ser condemnado, a menos que não se desrespeitem as instrucções formaes da Santa Sé sobre o assumpto.

E' licito accusal-o de estar eivado, na pratica, de liberalismo, e de não ser cumprido, como não é, em toda a sua pureza. Mas ninguem de bôa fé pode achar condemnavel o systema.

CONTROVERSIAS

Jesuitas e Liberaes

I

A questão religiosa

A'cerca do assumpto, que serve de titulo a este e a uma serie de artigos, que vamos encetar, muito se disse e muito se escreveu.

Ainda hoje se continua a escrever e ainda hoje se falla em tal assumpto, que para alguns individuos não teve a menor importancia, mas teve-a para outros, que n'elle acharam uma boa mina. E exploraram, e ainda exploram essa mina, com vantagem para as suas ideias, e com mais vantagem para as algibeiras dos especuladores.

E muito com isso se especulou. Os jornaes de dez reis tiraram milhares de copias, que promptamente foram vendidas e ávidamente procuradas. Tanto em livros, como em folhetins, publicaram-se romances, que só tinham por fim desacreditarem o clero, as instituições religiosas e tudo o que tinha mais ou menos relação com as crenças.

As empresas dos jornaes diarios aproveitaram o ensejo, para se enriquecerem e anciosas esperam outro ensejo, para maiores ganancias.

Foi uma verdadeira exploração ás algibeiras e uma boa occasião, para o povo insultar cidadãos inermes e pacíficos, e clérigos indifferentes ou que nada tinham com o caso, que servira de pretexto para uma quasi geral desordem no nosso paiz. O anno de 1901 ficará assignalado nos fastos das nossas loucuras anti-religiosas, para as quaes serviu de pretexto um facto, que não tinha a minima importancia, mas que teve grandes vantagens para colorir os crimes de diversas qualidades, a que se levou o povo, que, de pacifica ovelha, se tornou furioso leão.

Faixas d'esses vulcões revolucionarios, que tanto tem agitado e abalado o socego de diversos paizes, chegaram até nós e, incendiando os animos, causaram uma geral explosão, de que foram victimas algumas pessoas e os haveres de não poucas.

O rastilho para essa mina estava feito e occulto. Era necessario o lume, que o accendesse. Mas nem lume, nem tição, nem grande labareda foi mister para isso. Bastou, apenas, uma faulha, um pequeno morrão, para causar um incendio tão terrível e pelo qual já, ha tempos, se esperava e de que não pouco receavam os animos pacíficos e amantes da ordem e da tranquillidade publica.

E nós, que tambem a temos amado, deixámos de pro-

posito passar algum tempo, sem nada dizermos ácerca do assumpto. Quizemos deixar socegar os animos de muitos dos nossos leitores e deixar socegar o nosso proprio animo, para fallarmos sem paixão e a quem já não se sentisse apaixonado.

*

Quando se trata de qualquer assumpto, nada ha peor do que fallar d'elle ou por paixão ou com ignorancia. E, quando se falla com ambos os defeitos, os erros são em maior numero e tornam-se mais graves.

E' bem sabido, que muita gente antipathisa com os institutos religiosos, porque antipathisa com tudo o que é religioso.

Alguns individuos teem essas antipathias pelo proprio interesse. Compraram ou obtiveram por meios illicitos, (mas licitos aparentemente), algumas propriedades, que pertenceram a conventos ou já supprimidos ou que em breve deixarão de existir.

Para mentirem á propria consciencia e abafarem assim os seus remorsos, mentem tambem perante o publico, tratando de afeiar os defeitos das congregações monasticas, para que o publico jámais lance em rosto a taes individuos a aquisição de bens, que não foram entregues pelos seus legitimos donos, mas que lhes foram usurpados sob pretextos futeis ou de uma politica puramente faciosa.

Nós bem sabemos, que é um principio de direito; *Res aliena, ubicumque est, sui domini est*; mas tambem sabemos perfeitamente, que, ainda que as ordens religiosas se restaurassem em Portugal, nenhuma iria buscar os bens, que haviam sido dos seus confrades, e que já tem passado a diversos possuidores.

Outros individuos antipathisam com as corporações religiosas, como antipathisam com todos os actos de piedade a que chamam jesuitismo, como chamam jesuitas a todas as pessoas, que figuram em taes actos ou a elles assistem. Para taes individuos, são jesuitas os que tomam parte n'uma procissão; os que a veem com o respeito, devido a taes actos; os que vão á missa; os que se confessam; os que frequentam os templos; os que oram ou tem quaesquer devoções; os que temem a eternidade; os que são tão honrados, que pagam as suas dividas e evitam o indvidarem-se; os que respeitam os preceitos da Igreja; finalmente, são jesuitas todos os verdadeiros catholicos, honrados e serios com especialidade, os padres de todas as classes e cathogorias.

Taes individuos chamam jesuitas a todos os membros de quaesquer corporações religiosas, confundem os jesuitas com os lazaristas, e entendem, que um individuo religioso (e, portanto, um jesuita) não pode ser um democrata; assim como entendem, que um democrata não pode ser um homem religioso. Outros individuos são tão ignorantes na materia, que não só fazem confusões, como as que ahi ficam, mas até attribuem aos jesuitas o estabelecimento da inquisição!

Permitta-se-nos o direito de fazermos algumas observações ácerca d'este assumpto.

(Continua)

UM CATHOLICO

LITTERATURA

O Cavalleiro do Oriente

Estava-se em plena Edade Media. N'esses tempos de puras crenças e de puros corações a religião alliava-se intimamente com o valor, a cruz com a espada, e lá partia

(1) Encyclica *Immortale Dei*, de 1 de novembro de 1885.

o rico senhor feudal com o infimo servo da gleba para os areiaes do Oriente, afim de resgatar o sepulchro do pallido e divino Jesus da oppressão islamita.

Já lá ia bem longe o tempo em que a messiada fôra prégada pelo divino sonhador oriental, quando as multidões electrizadas pela palavra magnetica do Nazareno o seguiam pelas estradas da Judeia, sombreadas de palmeiras e sycomoros; já lá ia bem longe o tempo em que no ignominioso patibulo da cruz se desenrolava o acto final da tremenda tragedia que lançou sobre todo um povo, atravez as idades, o labêu indelevel, o estigma infamante de—deicida.

Então pelos sitios onde outr'ora reinavam ovantes a paz e a bondade, o amor e o perdão, só restavam agora ruinas e reminiscencias apagadas, a oppressão e o assassinio impune.

Em plena Edade Media, pois, havia abalado a Europa inteira uma d'essas impulsões occultas que a um simples appello, para sempre memoravel na vida dos povos, formam um dos grandes factores historicos, fataes e necessarios.

De facto, um extranho frémto percorrera o mundo conhecido d'então. O grito de «Deus o quer» tinha abalado os animos; os monges prégamam cheios de enthusiasmo a guerra santa; e o papa enviava a indulgencia plenaria aos combatentes que expirassem na refrega contra os infieis.

A tuba belicosa já tinha resoado com altisono clangor adentro dos muros dos velhos castellos solarengos, e os senhores feudaes faziam afanosamente o alistamento dos seus mais valentes vassallos, que acorriam então pressurosos a acolher-se á sombra protectora da sua auriflama.

N'um castello solitario, fronteiro ao mar, continuamente batido pelas suas ondas, um moço conde fazia cuidadosamente os aprestos da sua proxima partida para as planicies ardentes da Syria, onde ia ajudar com o valor da sua espada as hostes christãs na sua lucta ingente contra os rubros estandartes do Islam.

O seu pendão, branco como o seu ideal, tinha sido ricamente bordado pela joven esposa, e o seu ferreo montante já tinha brilhado gloriosamente nas pesadas armaduras dos seus avoengos em inumeras algaras e em sangrentos combates campaes, travados entre os velhos christãos godos e os mouros da dynastia arabe das Hespahnhas.

De antemão preparado para poder fruir todas as graças que a Egreja diffundia então por estes seus filhos dilectos, já tinha vestido a loriga de malha e o arnez de aço; a cabeça já estava coberta com o elmo; do braço já pendia enfiado o broquel, e á cinta afivelado o talabarte. E assim, á frente da sua mesnada, estava prestes a partir o novo cavalleiro andante com o fim augusto de resgatar do poder infausto dos fanaticos do Velho da Montanha os logares que outr'ora viram nascer e morrer o divino Jesus.

Ditosa e sincera a fé d'estes homens que arroubados pelo ideal sublime da cruz, abandonavam a patria, a familia, o remanso do lar, tudo enfim, para seguirem essa onda enorme que havia de inundar a Asia, como uma avalanche!

Feitas as despedidas de todos os cruzados com suas familias, trocados os beijos e abraços, derradeiros talvez para todos elles, o clarim do arauto deu o signal de partida, e os corceis que escarvavam impetuosamente a terra desapareceram de subito n'um confuso turbilhão de poeira, trepando as collinas visinhas que circuitavam o vetusto solar feudal.

E a heroica castellã que tinha até então mostrado um animo verdadeiramente varonil e christão, reflexo de mu-

lher forte, deu largas enfim á sua dôr, a dôr de separação d'um ente querido, e as lagrimas borbulharam-lhe dos olhos em longas fiadas de perolas crystallinas. Sobre o terraço ameiado da torre de monagem, para onde subira com um cherubim de anelados cabellos, pela mão, ella lá estava, atirando ternos beijos e adeuses para os confusos dalalis que se diluam ao longe no azul esbatido dos céos...

*

.....
Ante os muros da cidade santa, a deicida Jerusalem, as valentes hostes christãs, commandadas pelo magnanimo Godofredo de Bouillon tinham sido horrivelmente dizimadas em peijas sanguinolentas com as hordas mussulmanas, onde tremulava quasi triumphante o crescente do Koran.

*

Era no inverno, por uma noite sem lua, obumbrosa e tetrica. O vento furibundo ululava pelos pinhaes visinhos, como o psalmear d'um monge louco. O Mar entoava elegias psalmodicas como em officio de defuntos.

D'entre a vozearia do temporal, só se ouvia de longe em longe, os passos abafados e a voz de alerta da sentinella da roqueira fortaleza, e por entre o negrume da treva só se via o bruxolear duvidoso de alguma luz perdida que trespassasse a cerração do manto da noite.

No pantheon da capella, todo rodeado de galilés com os seus velhos guerreiros a dormir no seu somno petrificado, estava ajoelhada no seu genuflexorio a joven condessa, pallida e triste, toda de preto, resando n'um livro de Horas de ricas illuminuras, e tendo ao lado o seu filhito, orphão de pae...

Um pallor de cera invadira aquelle rosto afilado pela tristeza da solidão e viuvez, e nos seus olhos, onde se reflectiam as nuances do mar em bonança, retratava-se n'nma visão longiqua a imagem do seu espirito gentil, que se alçava até aos páramos radiantes de luz onde bailam choreias de estrellas.

Depois, com olhos enxutos, leu: «Senhor, que sois todo bondade e misericordia, lançaes olhos benignos, acolhei no vosso seio a alma do que morreu por amor da vossa santa causa; chamae para a vossa mão direita, dae o descanço eterno ao nobre Siegfried...»

—E o pae não vem!... Aonde está elle então? interrompe bruscamente o loiro cherubim estremunhado, de olhos azues, que dormitava á sua beira.

—No céo, Arthúr, responde-lhe a mãe, enquanto que silenciosamente enxuga uma perla furtiva que se lhe escapara dos seus olhos da nuance do mar em bonança.

BELLARMINO PEREIRA.

DE TUDO UM POUCO

Bôas contas ...

De uma occasião, um honesto homem a quem haviam passado dois bilhetes, para o já hoje demolido theatro dos Recreios Withoyne, não podendo ir lá n'aquella noite, disse, ouvindo bater á porta:

—Se fôr visita, vou regalal-a com estes dois bilhetes!

Não appareceu o creado a dar parte de quem viera.

—O' José, gritou o sujeito para o interior da casa, quem veio?

— E' o aguadeiro, senhor.

— Que espere.

E foi á carteira buscar os bilhetes.

Depois, dirigindo-se á cosinha :

— Verissimo, lhe disse, esta noite vaes ao theatro dos

Recreios !

— Xim, xenhor.

— Tens algum companheiro ?

— Tenho uns poucos.

— E algum mais fiel amigo, entre todos, tens ?

— Tenho o Fernandes.

— Bello. Pois leva-o esta noite na tua companhia. Leva o Fernandes.

— Aonde ?

— Ao theatro dos Recreios, homem.

— Xim, xenhor.

— Aqui tens um bilhete para ti, e um bilhete para elle.

— Farei como voxulencia manda.

Dias depois, ao fazer as contas com o aguadeiro :

— Barris de agua, quantos ?

— Dez.

— Recados, tens ?

— Oito tostões de theatro para mim e para o meu companheiro.

— Oito tostões de theatro ?

— Quatro tostões para cada um ; um crusado.

— Um crusado para cada um quê ?

— Para mim e para o Fernandes. Quatro horas de trabalho, xim xenhor. Deitou á meia noite. Quando eram oito horas já lá estavamos. Xubimos aquellas ladeiras e fomo-nos pôr de atalaya lá em riba n'aquelle salão que deita para os quintaes, onde nos fartámos de esperar primeiro que dessem vasão lá para dentro. Chegamos de volta a casa, e mientras comer e deitar já dava uma hora nas torres.. Não se pode fazer por menos; e o Fernandes ainda diz que não é trabalho para esse dinheiro.

Calendario historico :

J. CESAR MACHADO.

Setembro
15
1902

A 15 de setembro de 1789 nasceu em Burlington, Nova Jersey, Estados Unidos, o imaginoso romancista americano Fenimore Cooper. Sem duvida alguma, diz um critico francez, as novellas de Cooper teem defeitos e não valem as melhores obras de Walter Scott, mas não pode negar-se que teem um merito muito real, por isso que conservarão durante muito tempo ao seu auctor um dos postos mais elevados, não só na litteratura do seu paiz, como na do nosso velho mundo. Effectivamente Scott avanta-se a Cooper como escriptor e observador do coração humano; mas Cooper, nas suas descripções e na pintura dos costumes e dos typos por elle observados, póde competir dignamente com o novellista inglez.

Cooper descendia d'um colono bretão e foi educado pelo pastor protestante Ellisson, que o aconselhou a entrar na marinha, vista a sua natural vocação para a vida do mar. Fenimore assim fez e durante seis annos fez longas viagens, assistindo a muitos combates, alguns dos quaes são descriptos nos seus romances.

Casando, renunciou a profissão maritima e abraçou a das letras. A sua primeira obra, que é pouco conhecida na America e desconhecida na Europa, intitulada *Precaução ou escolha d'um marido*, teve um insuccesso; não assim as outras que escreveu quasi rapidamente, entre as quaes citamos: *O espião*, *o Robinson americano*, *Os gastadores*, *O ultimo dos mobicanos*, *Jacob*, *o atirador*, *os Leões do mar*, *os Costumes do tempo* e *O Piloto*.

Cooper não escreveu só novellas; publicou tambem alguns trabalhos referentes a questões politicas do seu paiz

que por signal suscitaram largas e violentas polemicas nos periodicos. Só a morte poude interromper os seus trabalhos, pois, soffrendo já d'essa extranha doença, a hydropsia, que o matou, ainda escreveu meia duzia de novellas, vindo a fallecer na cidade que tem o seu nome, em 1857.

*

Notas de sciencia :

A cidade que marcha á frente de todas as outras na utilização do lixo é a de Dormen, na Inglaterra.

N'essa localidade queima-se o lixo em dois fornos de alimentação automatica e o calorico que se desenvolve com essa operação emprega-se na producção da electricidade que é utilizada pelos tramvais.

Diariamente queimam-se de trinta e dois a trinta e oito mil kilos de detricτος, que subministram uma energia de quatrocentos cavallo-vapor, por meio da qual se obtem, pouco menos que gratuitamente, uma corrente electrica capaz — se a applicassem á illuminação — de alimentar trez mil e quinhentas luzes da intensidade de oito velas stearicas cada uma.

D'aqui resulta que, alem de conseguir a cidade de Dormen, de quarenta mil habitantes, destruir o lixo d'um modo absolutamente inoffensivo, obtem ainda uma energia electrica que pode avaliar-se em novecentos mil kilowatts annuaes.

Felizes inglezes que até do lixo tiram dinheiro !

*

Trechos escolhidos :

Que alvor ? ! que amar ? ! que musica,
Nos Ceos, em mim, no ar,
A' festa da existencia
Me vem resuscitar ? !
Nasço a cantar com os passaros !
Surjo a brilhar co' a luz !
Envolto em rosas candidas,
Ledo retomo a cruz !
Fonte do Ser ! Espirito !
Mysterio ! Creador !
Eis-me ! sai d'um tumulo,
Como da terra a flôr.
Eis-me ! eu te escuto ! emprega-me !
Senhor, que vou fazer ? !
«Ama» bradou voz intima,
«Amar cifra o dever».

CASTILHO.

*

Curiosidades :

Diverso modo de usar luto :

Na Syria usa-se o luto azul celeste.

No Egypto, côr de folha secca ou amarello.

Na Ethiopia, branco ou cinzento.

Em muitas regiões da India encarnado muito vivo.

Na China azul muito escuro.

Na Europa, America, Japão, etc., preto.

Qual é a causa da desconformidade nas côres ?

Cada paiz julga ter justas razões em apoio da sua ideia e para proceder por essa forma.

O luto de côr azul celeste revela o logar ou sitio que se deseja para os mortos.

A folha secca representa o fim da vida porque as plantas, quando murcham ou seccam, tornam-se amarelladas.

O cinzento representa a côr da terra em que se convertem os cadaveres.

O branco indica a pureza da vida do defunto.

O encarnado recorda o fogo em que o morto consumia a sua existencia

O azul escuro indica a côr do quarto ceu, para onde se julga que vão os eleitos.

Por ultimo, o preto manifesta a privação da luz e da vida.

*

Pensamentos :

— Aquelles que excedem aos mais, ou no poder, ou na gerarchia, devem cuidar muito em viver e compor-se de modo que o seu exemplo sirva aos inferiores de bem, e não de mal; porque a licença dos superiores é muito perniciosa aos inferiores, que ordinariamente fazem regra dos defeitos, e não das virtudes dos seus maiores.

— A Poesia é uma arte que pode fazer quebrar um homem, que não tiver outro cabedal mais do que este. E' bom que ella se saiba, mas não que se faça profissão d'ella.

— Entre a simulação e a dissimulação ha esta differença, que a simulação não é outra cousa mais do que fazer crer uma cousa que não é, e a dissimulação é persuadir não ser aquillo que verdade é. Quem disser que o bom é mau, simula, e quem disser que o mau é bom dissimula.

*

Humorismos :

O Cardeal de Richelieu (1585-1642), tendo augmentado a pensão de Rion (1585-1650), disse-lhe affavelmente :

— Não se esquecerá, parece-me, de pôr no dicionario em que está trabalhando a palavra *pensão*.

— Não, Monsenhor, e ainda menos olvidarei a palavra *Reconhecimento*.

PALESTRAS SCIENTIFICAS

O somno

Ha tempos li nos jornaes a seguinte noticia :

« Em Chicago acaba de constituir-se uma sociedade cujos membros se compromettem a não dormir mais de quatro horas e a impôr esse *maximum* de somno a seus filhos.

Na sessão inaugural da sociedade, o presidente disse : — Desde que limitei a quatro horas a duração do meu somno, senti que me tornava mais activo, mais energico e mais robusto ».

Apenas acabei de ler esta exquisitisse, se assim lhe posso chamar, tomei d'ella nota, propondo-me logo estudar mais detidamente o assumpto; mas, antes de tudo, quiz ver se apparecia mais alguma noticia ácerca da tal sociedade de singular especie. Até hoje, porém, nada tenho encontrado a tal respeito.

Não sabendo, pois, se a tal sociedade continua a funcionar com resultado ou sem elle, ou se se dissolveu, nem o que sobre esse ponto pensam os homens competentes, darei o meu parecer desprezencioso.

Concordo, e creio que todos concordarão, em que a duração do somno não deve ser muito longa; mas ao mesmo tempo é certo que não deve limitar-se, para todos, a horas determinadas. Porquanto as naturezas dos individuos, e ainda outras circumstancias, são diversas, e nem todos podem ter o mesmo tempo de dormir, nem isso é preciso. Uns carecem de mais tempo, outros de menos.

Sendo, portanto, certo que a duração do somno não deve ser muito longa, fallando em geral, não é menos certo que todos os auctores de hygiene e até de moral recommendam a brevidade do somno e o levantar-se cedo. E tambem o deitar cedo.

O melhor tempo do dia é o ar da manhã, ar saudavel. Quem se deita tarde, respira o ar pesado da noite. E' isto o que ensinam commumente os auctores, o que deve sempre entender-se em regra geral.

Temos um antigo dictado que resa assim:— Tres horas dorme o santo, quatro o que não é tanto, cinco o estudante, seis o caminhante, sete o porco e oito o que já está morto.

Ha grandes excepções a fazer a este aphorismo, como a todos, porque não ha regra sem excepção.

Agora podia eu apresentar muitos proverbios com relação ao tempo de dormir, de deitar e erguer.

Lembram-me os seguintes:

Quem se levanta cedo, vê o seu mal e o alheio.— Se quiser ganhar fama, não te veja o sol na cama.— Quem dorme, dorme-lhe a fazenda.— Lenha verde não se accende, quem muito dorme pouco aprende.— Deitar cedo e cedo erguer, dá saude e faz crescer.

Et cætera.

Já se vê que deve sempre n'este caso attender-se á constituição physica e ao estado valetudinario do individuo.

João Palairêt, no seu *Compendio sobre as artes e sciencias*, edição de 1788, diz o seguinte:

« P. Qual é a causa das enfermidades do homem? R. As enfermidades procedem ordinariamente do nosso mau regimen de vida, assim como pelas grandes vigílias, ou pelo muito dormir. »

São muitas as causas das enfermidades, que eu não procuro investigar: é materia extranha ao meu proposito, e, alem d'isso, reconheço para isso a minha incompetencia. Creio, porem, com o auctor francez que as grandes vigílias e o muito dormir devem produzir com certeza alteração na saude do individuo, prescindindo de algum caso excepcional.

Merece transcrever-se o que diz D. José de Urcullo, no seu livro *Lições de boa moral, de virtude e de urbanidade*:

« O costume de madrugar tem muitas vantagens. Primeiro que tudo, é util á saude, desembaraça o entendimento, e faz alongar a vida. D'aqui nasce o poder-se trabalhar mais tempo; e por consequencia augmentarem-se os bens da fortuna. Sete horas de somno bastam para os temperamentos ordinarios. Os que por habito estão nove horas na cama, quando com sete teriam tempo sobejo para reparar suas forças, perdem duas horas, e isto no decurso de um anno é já de bastante consideração. »

Sim, senhor. Só tenho a dizer que se não pode estabelecer tempo certo para o somno; mas quantos e quantos estão na cama sem dormir, horas e horas? E dizem que estão muito bem! e que lhes faz muito bem!

Na excellente obra *A sciencia da civilização*, pelo bispo de Angra, Amaral e Pimentel, lê-se o seguinte:

« A epoca propria para dormir é a noite.— O espaço de tempo que pode dormir uma pessoa adulta é de sete horas, pouco mais ou menos.

Os meninos, os litteratos, os viajantes, os melancolicos, os phlegmaticos e os convalescentes precisam de dormir mais que as outras pessoas. Mas nunca convem dormir menos de cinco horas, nem mais de oito, excepto as crianças e pessoas mais fracas, que poderão dormir nove. Para os velhos seis horas de somno são sufficientes. »

Ora á vista d'isto, que harmonisa com o que ensina a hygiene, como é que a sociedade de Chicago pretende limitar a duração do somno a quatro horas?

Em conclusão, direi que devemos adquirir o habito de nos deitar cedo e levantar cedo. O corpo requer descanso, principalmente o das pessoas que trabalham; mas o estar na cama alem do tempo necessario, tambem é prejudicial á saude.

E não só á saude; tambem é signal de pouco espirito, de molleza moral.

Todos os homens illustres em armas, letras e virtudes, dormiam pouco e levantavam-se cedo. Poderia aqui escrever um grande catalogo d'esses homens, mas seria muito longo. A historia os enumera.

E agora todos podem formar o seu juizo sobre a sociedade de Chicago.

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

COLLABORAÇÃO

Nacionalistas

Os heróes não são só os que batalham,
Os que travam pelepas afamadas.
Pois que o valor dos homens, afinal,
Não está só no brilho das espadas.

Valentes são também os desprendidos,
Os sinceros, os crentes revoltados,
Que abandonam o mundo e se convertem
Da nossa fé em 'strénuos soldados.

A nossa linda terra deu heróes,
E de santos foi grande a producção,
Formando uma milicia sacrosanta
Que teve a Cruz por balsa e por pendão.

Hoje nada produz a nossa patria
Nem santos nem heróes; só vendidos,
Chatins, politicantes sem vergonha,
Escoria vil de raça de bandidos.

Tenhamos inda fé n'um resurgir;
Não sejamos demais uns pessimistas,
Se a nossa terra já não dá heróes,
E' preciso que dê —nacionalistas!

G. S.

Entre a opinião e a certeza

Aprendemos na physica que os corpos são compostos de moleculas e estas d'atomos e na metaphysica que são de duas substancias incompletas, denominadas materia e forma. Seja qual fôr a razão d'estas duas asserções, se de taes alturas scientificas contemplarmos o que nos apresenta a simples experiencia, observamos que todo o corpo, tendendo para a sua unidade, isto é, para a sua conservação, se oppõe energicamente á separação das suas partes. Esta lei da conservação, pela qual cada parte d'um corpo, embora obrigada por uma força externa a tomar uma posição um pouco exterior ao todo do corpo (como sensivelmente se nota nas substancias elasticas) todavia volta para o todo do mesmo corpo, regula um movimento d'attracção para o centro do corpo, movimento que se observa mesmo exteriormente aos corpos que attraem outros, quando estão em posições convenientes para que se possa dar esse facto.

Uma d'estas posições é, sem duvida, a justaposição de modo que não haja entre um e outro corpo porção alguma d'ar; d'este modo se attraem dois discos de vidro justapostos. Ainda assim o ar pode existir entre os dois corpos, rodeado de toda a parte por elles, mas se existir é necessario, para que a attracção se manifeste, que essa porção d'ar seja pouca para encher o espaço que a contem.

Então vê-se a attracção entre dois corpos entre os quaes o espaço não contem a quantidade de ar que podia conter, e o ar, também attrahido de todos os lados pelos dois, augmenta de volume. Se violentamente separarmos os corpos, o ar exterior dá d'encontro ás partes interiores d'estes e o choque instantaneo produz movimentos, ondulações na atmospherá, á maneira das ondulações d'um lago onde cas qualquer objecto. O ar fica pois n'um movimento ondulativo, desde o ponto onde está a causa que o

produziu até ao ouvido que, em comunicação com elle, sente-lhe a alteração, embora tenha desaparecido a causa do movimento: ouvem-se os sons.

A intensidade d'este movimento, de som ainda pode ser attenuada ou reforçada segundo a direcção das correntes aereas.

Se porem a attracção n'um corpo se torna mais activa pelo movimento exterior contra o mesmo corpo, pondo-o no estado em que a physica lhe chama electrizado, succede que a posição necessaria a outro corpo para ser attrahido por aquelle já não é a justa posição, mas a posição, a distancia maior ou menor do corpo electrizado, conforme a quantidade e qualidade dos dois, ou a intensidade da attracção. Aqui, para que o corpo attraente communique o movimento attractivo ao corpo attrahido, não precisa de meio algum como os sons precisam do ar: quer esse meio seja bom conductor quer não do movimento, serve sempre de reservatorio commum, ou de mau conductor. Dado o caso que estes phenomenos sejam fluidos movendo-se esses fluidos são todavia corpos: tem extensão; occupam lugar e estarão sujeitos á lei da impenetrabilidade. Finalmente se são imponderaveis não podem ser attrahidos por corpo algum, visto o peso ser uma consequencia necessaria da attracção.

Alem d'isso sendo os fluidos moveis, como é qualquer gaz, estaria o corpo attrahido sujeito a essa mobilidade; e se, por exemplo, n'um momento desaparecesse o sol, como desaparecesse a maior parte das vezes a causa do som antes que o ouçamos, os planetas continuariam por algum tempo suspensos d'esse gaz essencialmente voluvel, d'esse ether, talvez admiravel producto da imaginação do homem.

Se virmos egualmente, por um lado, na composição dos corpos, como os atomos, as moleculas e o seu numero u'uma pequena parte do corpo são calculados muito ao acaso, por não se ter visto ainda uma molecula ao microscopio, e, por outro, considerarmos como duas substancias, cada uma dotada de propriedades, não podendo existir senão unidas, todavia se unem depois de serem estes, pois que se comunicam as proprias entidades, não podemos deixar de reconhecer quanto conviria á segurança logica que na physica e na metaphysica se explicasse do mesmo modo a composição dos corpos, visto este ponto ser a transição d'uma para outra e, por isso, commum a ambas as sciencias.

Bom é, pois, que trabalhemos por comprehender claramente as noções nas quaes o nosso espirito fluctua ainda n'uma simples opinião e, deste modo, as ideias que se fazem reconhecendo como certas irão occupando o lugar das que se suppunham como verdadeiras.

O. do Bairro

EVARISTO M. D'OLIVEIRA.

Milicia Christã

XXIII

Aos leitores do «Progresso»

Depois de longos, trabalhosos dias,
Para convosco, que passei calando,
Agora canto cantar singelo,
Cadente e brando.

Da minha aldeia no modesto enleio,
Onde com Deus mais esta mente falla,
De ser singelos, como as nossas flores;
Fazemos gala.

Aqui no prado, no ribeiro e bosqúe,
Onde candura todo ser respira,
Calam-se iras, adormecem penas,
Tempéra-se a lyra.



Rahab sahe de Jericó

E ao som cantando do pastor d'ovelhas
E de pequenas chilradoras aves,
D'humildes cantos que contente canto
Tereis as claves.

Aqui Deus vive n'estas obras suas
Tão palpitante, opulento e nobre,
No verde valle e nos penedos nus,
Que tudo cobre.

E a Deus louvando as plantas crescem bellas,
Chilram as aves, cordeirinho e cabra
Pastam no outeiro, com seus bois no valle,
Lavrador lavra.

Bellas zagaias nos carreiros indo
Dos seus destinos, em variado rumo
Cantigas cantam, que d'amor e crença
São o resumo,

Aqui meninos e inda mais os velhos
Acham o encanto no singelo enleio.
D'uma innocencia e d'uma fé que illustram
E dão a ceio.

Certa candura, singeleza meiga,
Uma franqueza generosa e nobre,
Que d'alma rica e coração bondoso
A luz descobre.

Este ar, que puro respiramos ledos
N'estes montados, no pomar, na vinha
Dá-nos saude e alegrias intimas
Na mente apinha.

Lá na cidade nem o pão é puro,
O azeite azedo, vosso vinho grossó,
Espureo filio da região do Minho,
Fabrico odioso,

Aqui se faltam os recreios perfidos
De sensual goso, que muita mente embriaga,
Temos ar puro e alimentos lidimos,
Vinho sem vaga.

Aqui na aldeia não se mudam modas,
Tem os costumes o condão da historia,
Dos nossos velhos o remedio tipico,
Para memoria.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

DESALENTO E ESPERANÇA

Patria!.. patria infeliz! patria adorada!
quem me dá poder... saber chorar-te!
se, como posso ainda, idolatrar-te,
soubesse lamentar-te abandonada;

diria quanto foste respeitada
pelos que, outr'ora, vinham requestar-te;
e que querem agora abandonar-te,
por te verem, sem fé, degenerada!

De todas as facções que te esphacclam,
nem uma ha só que á corrupção resista;
todas em destruir-te se desvelam!

Hoje ha de salvação uma só pista;
pela qual caminhar, com fogo, anhelam
os que arvoram o pendão—nacionalista—!

Agosto 26 de
1901.

A. G. DA C. L.

Se são tantos e taes nossos peccados,
Que nos infundem merecido horror,
E nos fazem temer ante o Senhor
Nos presentarmos tristes, humilhados;

Recorramos ferventes, confiados,
Da Virgem pura ao infinito amor,
Que não repete o afflicto peccador,
E seremos ouvidos, consolados.

E' santissima, egregia, immaculada,
E' Rainha do mundo e Mãe de Deus,
Mas da carne de Adão tambem formada

E assim, da contrição dos irmãos seus
Nas maternas entranhas apiedada,
Que intercessora mor nos altos céos?

A. MOREIRA BELLO.

A familia

(Poemeto)

(Continuação)

—«Vês este ceu d'anil? Pois vaes deixal-o agora.
Apaga-o da tua alma... E, vá: não ha demora.
Dize adeus, oh guerreiro, á patria ao domicilio,
Curva essa fronte altiva e marcha para o exilio.»—

—«Como fallaes?—lhe diz—que é esse olhar esquivo?
Não me metteis terrór... Dizei por que motivo,
Do que foi vencedor respeitaes a existencia?!

.....
Eu vou... mas quem me manda é a voz da Providencia!—
.....

E elle ia sobre o mar. Em nuvens pressurosas,
Passavam-lhe na mente ideias vaporosas.
Tinha no forte peito, entre mil anciedades,
O implacavel rugir das grandes tempestades.
No rosto lhe fervia um purpureo calor;
A alma tinha-a oppressa... oppressa pela dôr...
E, tremendo de o ver n'aquelle ar mais que humano,
Sob os pés lhe bramia o impávido oceano.

E nós, creanças no lar... Ai, que infeliz memoria!
Da vida o claro ceu tinha mudado a côr.
Era uma scena ali dolente e merencoria,
Como a triste canção d'um triste trovador.

E minha doce mãe, votada á desventura,
Dizia, em magua e dôr:—Que extranha proscipção!—
Sobre o seu coração pairava a noite escura,
Cobria-o densa nevoa, espessa cerração.

Vagueava-lhe a alma afflicta em sinistros ideaes,
Como ave foragida a piar nas solidões.
Dizia o tempo adeus; desfolhando os rosaes,
Passavam, uma a uma, as bellas estações.

Ia-se-lhe amortecendo o olhar tão meigo e caro,
Chorando da saudade ao sópro mais ligeiro,
Como uma flôr sosinha, ao triste desamparo,
Como rôla viuva aos ais no verde ulneiro:

Assim fluctuando-lhe a alma á lèda imagem sua;
Nem podia com o tempo ao menos acalmar-se!
Quantas vezes á luz da solitaria lua
A ouvi gemer, queixar-se!

.....
Cantando, a mocidade escapelava alem...
Se minha irmã pedia o collo a minha mãe,
Fazia-a logo rir, chamava-a para brincar.
Quem visse... pelo azul duas almas a voár!
Dizei... dizei tambem...
Fallae, noites de amor! Oh, noites de luar!

Meu pae ia escrevendo. As cartas que mandava
Eu lia, com cuidado.
Ah! cartas de tão longe... E assim nos suscitava
Lembranças do passado.

Nossa familia então como que gorgeava
Saudoso devaneio...
E' que ouvia essa voz que ao coração gritava:
—Amor! o teu correio.—

Que cartas para ler! Traziam, lacrimosas,
Abraços para mim.
E por fim uma veio, a qual, entre outras cousas,
Tambem dizia assim:

—«Minha dilecta esposa e caros filhos
Lá vem o tempo já; minha alma o espera:
Com suaves, lindas flores e com brilhos
Vem proxima raiando a primavera.

Se eu imagino ver-vos... que emoção!
Mas não vos vejo ainda... Estou dolente.
Bate-me no meu peito um coração
Que ora sente calor, ora o não sente...

Pois, reparai nos corpos! Que portento!
Pelo calor augmentam de volume;
Aquecem, dão á luz o movimento...
Resfriam e a extensão se lhes resume,

.....
Assim é a minha alma, sem vos ver,
Se o fogo é comparavel ao amor:
Agora se avoluma n'um prazer
E logo se concentra n'uma dôr.»—

Fallou. Volve a donzella, em consciencioso olhar!

—«Teu corpo é bem talhado, é proprio e regular; Justo como sua alma. O andar pausado e lento E' facil e com toda a naturalidade.»—

—«Na mão sustendo a espada, o meu pae na verdade Saudava com prazer meu feliz nascimento.»—

—«Pois bem! O que é bem feito as affeições merece: Admiro um todo assim traçado com primór. Que exacta geometria! Obra prima parece, Que nascêra das mãos d'um habil esculptor.»

(Continua)

EVARISTO MARTINS D'OLIVEIRA.

A nossa festa

E' assim que o bom povo d'Airães denomina a festa dos SS. Corações de Jesus e Maria, que se realisa sempre no quarto domingo d'Agosto, para os fieis ganharem a indulgencia que está concedida a quem, confessando-se e commungando, visitar esta egreja. Tem o bom povo razão de lhe chamar a *nossa festa*, porque todos, com raras excepções, com suas esmolas concorrem para ella. E' sempre uma festa pomposa, brilhante e inponente devido ao zelo nunca desmentido do nosso bom Parocho. Este anno foi o que se pode chamar uma funcção que nada deixou a desejar. Precedida d'uma novena á Virgem, que é feita com uma simplicidade e devoção que attrahae, alguns canticos espirituaes d'arreatadora harmonia, uma meditação e algumas orações,—eis a novena. E a Virgem, com um rosto meigo, do alto do seu primoroso altar, parece sorrir-nos e dizer-nos: obrigados, meus filhos. O triduo em honra do Coração de Jesus, foi feito este anno pelo Ex.^{mo} Monsenhor Conego Morgado, de Marinhãs; e não posso occultar n'este momento a viva satisfação que tive por ver entre nós sua Ex.^a, modelo de virtudes, sympathico a mais não ser, sendo um dos seus mais bellos carateristicos a franqueza entrelaçada com uma caridade sem limites e uma modestia inexcedivel que põe em relevo todas as virtudes que lhe exornam a sua alma diamantina, e o seu coração benevolo. Sua Ex.^a tem o seu nome illustre e aureolado com fulgente diadema, que á custa do seu trabalho de verdadeiro apostolo e patriota, ganhou nas plagas longiquas da China, como governador do bispado de Macau, e Conego da Sé do mesmo nome. Gastou uma boa parcella da sua existencia em pról da religião e da patria, taes são os seus tragos physicos que aquella natureza, outrora tão robusta, agora apresenta. Curvemo-nos pois respeitadamente deante do vulto proeminente de sua Ex.^a, e façamos votos por tão preciosa vida. Releve-me sua Ex.^a este desafogo do meu coração infinitamente grato á Providencia, por, depois de uma longa ausencia de vinte e dous annos, ainda me conceder o gosto de o tornar a vêr entre nós. Sua Ex.^a deixou este povo que anciosamente o esperava plenamente satisfeito, porque a nada se poupou: ora pregando por largo espaço de tempo, ora catechizando e ensaiando os meninos da communhão, ora confessando; e depois de todo este trabalho não se lhe notava uma sombra de mau humor: sempre amavel, delicado e attencioso para com todos, sua Ex.^a veio n'este triduo consolidar a sympathia que tinha n'esta terra, antes d'ir para Macau. Monsenhor Morgado escolheu para thema das duas primeiras praticas a educação da infancia e os deveres dos educadores; e mostrou que, se a sociedade actual está em declive, a nada mais se deve senão á falta de educação religiosa; e que se queriamos que a sociedade futura não fosse um cahos, houvesse todo o cuidado em educar religiosamente as crianças, que eram a esperanza da patria. Na terceira

pratica fallou da necessidade que tinhamos de fazer uma confissão bem feita, combatendo alguns abusos, e com exemplos bem frizantes, convenceu que para obtermos a felicidade eterna era necessaria uma confissão sincera com proposito de emenda. Sua Ex.^a houve se admiravelmente.

No dia 24 d'este mez reinava em todos os habitantes d'Airães uma alegria indizível despertada pelo rufar dos tambores, repiques dos sinos e estalar dos foguetes; e ás 6 horas da manhã, centenas de pessoas se ajoelhavam á sagrada meza que, com a avidéz com que o veado procura a christallina fonte nos vastos desertos sem agua, procuravam a christallina agua da vida eterna e o pão dos anjos, unico refrigerante para as agruras da vida. N'este momento na egreja d'Airães, que estava bellamente adornada, sobresahindo o altar dos SS. Corações de Jesus e Maria, cujas imagens são modelo d'esculptura, resoavam harmoniosos canticos que enlevavam a alma ás regiões ethereas.

Porém não pára aqui a felicidade d'este povo; uma cerimonia mais sympathica, mais patética o esperava:—era a communhão de meninos que se ia realizar. A's 9 horas entrava a innocente phalange no vasto templo entoando canticos apropriados; e em seguida subiu ao pulpito Monsenhor Morgado, que fez uma linda allocução ás crianças que commoveu até ás lagrimas.

Depois, oh! que sublime quadro! 76 crianças vestidas de branco, ajoelhavam, curvavam as frentes e diziam com vozes entrecortadas pela commoção que tamanha felicidade lhes causava: Senhor não sou digno etc. E Jesus com a ternura com que outrora acariciava as crianças, escutou-as meigamente e repouzou n'aquelles corações innocentes, emquanto os anjos lhe entoavam «hossanas».

Sua Ex.^a ministrou o lavatorio ás crianças e deu graças com ellas. Seguiu-se um abundante almoço que a excessiva generosidade do Rev.^{mo} Sr. Reitor offereceu ás crianças, e que elles tomaram com um appetite provocador. A's 11 horas principiou a missa solemne a grande instrumental em que tambem foi orador Monsenhor Morgado. Sua Ex.^a patenteou evidentemente a um auditorio selecto e numeroso os seus elevados dotes oratorios, n'um primoroso discurso em que energicamente combateu o materialismo como o principal mal da sociedade moderna.

Fallou das prerogativas de Jesus e Maria, e disse que se Portugal queria ser o que foi outrora e a sociedade levantar-se do abysmo em que jazia, recorressemos com viva fé a estes SS. Corações, a quem eram dirigidos todos estes cultos. No fim da missa subiu ao pulpito ainda Monsenhor Morgado que fez uma pratica muito tocante ás zeladoras, incitando-as ao cumprimento dos seus deveres principalmente no ensino da catecheze, adorno dos altares e visitas aos enfermos.

Depois sahiu uma vistosa procissão na ordem seguinte:

Adiante a cruz parochial seguida das bandeiras do SS. Sacramento, almas e Coração de Jesus; depois os meninos da communhão com as bandeiras da Santa Infancia, seguindo-se-lhe as meninas da communhão, 12 anjinhos com emblemas do Sacramento uns; outros a espargir flores. Depois o palio sob o qual era conduzida a Hostia sacrosanta, a cuja passagem tudo se ajoelhava reverente; atraz do palio a meza gerente do apostolado com as zeladoras que levavam com santo orgulho o seu distinctivo—fita vermelha, cruz e medalha.

Durante o precurso da procissão as zeladoras faziam votos ao céu pelo desenvolvimento do apostolado da oração n'esta freguezia. Fechava a linda procissão uma banda de musica seguida d'uma massa enorme de povo que na mesma ordem entrou na egreja. Terminou a *nossa festa*, que foi tão brilhante como pomposa, com a benção do SS. Sacramento, retirando-se todos muito contentes e satisfeitos.

Permittam-me os habitantes d'esta freguezia, de quem

sou filha, que lhes dê sinceros parabens por concorrerem espontaneamente para uma festa que já se torna, pelos annos que se celebra, o prazo da freguezia. Que nunca desanimem e que leguem tão precioso prazo a seus filhos são os meus mais ardentos votos.

Ao Ex.^{mo} Monsenhor Conego Morgado, os meus parabens com o reconhecimento e sympathia de todo este povo que anhela vivamente tornar a vel-o n'esta freguezia.

Agosto 26.

M. M.

AS NOSSAS GRAVURAS

S. Cope, Bispo

S. Cope foi um dos mais celebres solitarios de França, que occupou a mitra de Lyon pelas suas virtudes e illustração. A fama das suas virtudes era tal que o proprio S. Lubin veio receber lições de tal mestre.

Foram muitas as perturbações que soffreu a sua diocese com a invasão de Clodomiro. Feita a paz, o santo bispo occupou-se em reformar os abusos, levantando o nivel dos costumes.

Concorreu S. Cope ao concilio de Orleans onde fez brilhantissima figura e segundo se diz, até fôra presidente d'esse concilio, a que assistiram alguns metropolitans.

Morreu em 540 e o seu corpo foi depositado na igreja de S. Martinho, que mil annos mais tarde os calvinistas arrazaram.

Rahab sahe de Jericó

Josué, ao chegar deante dos muros de Jericó, mandou alguns espiões á praça, para se informarem das suas fortificações.

Entraram estes em casa d'uma pobre mulher, chamada Rahab, que os salvou da furia do rei de Jericó e ajudou os sitiadores a entrarem na praça.

Antes de arrazada a cidade, Rahab sahio de Jericó acompanhada pelos soldados de Josué. E' essa scena a que a nossa gravura representa.

CHRONICA SOCIAL

O "Wolkverein," — Liga d'acção social

(Continuação)

Não basta ao *Wolkverein* pôr em fóco o que já está realisado em materia de legislação protectora pelos catholicos do parlamento; applica-se tambem a estabelecer nitidamente a necessidade para os catholicos de continuarem a politica reformadora. Parece mesmo que o Comité director se applica hoje de preferencia a accentuar estas tendencias, porque, no Centro, ha alguns deputados bastante influentes e um pouco galanteadores para com o governo imperial que parecem menos apressados do que outr'ora em obterem as indispensaveis reformas sociaes. Por isso, entre os ultimos *Flugblaetter*, encontramos um extracto do recente discurso do doutor Hitze, um dos chefes dos catholicos sociaes no Reichstag, respondendo com uma energica e affirmativa declaração a esta pergunta: *A legislação protectora dos operarios deve ser continuada?* (1) E' a mesma nota, ainda mais accentuada, que o doutor Pieper, secretario geral da Associação Popular, fez ouvir na assem-

(1) Discurso pronunciado no Reichstag em 20 de janeiro de 1899.

bléa de Neisse: «O mais importante dos deveres que se impõem actualmente ao *Wolkverein*, disse elle, é a *continuação da reforma social no interesse dos agricultores, dos artistas e dos operarios.*» (2)

Lendo-se esta declaração, que vem depois apoiar uma acção pratica, comprehende-se que o Centro possa juntar, em volta de sua bandeira, numerosos batalhões populares. Não será isto uma indicação para os catholicos dos outros paizes que desejassem organizar uma acção social? Não se encontraria tambem um grande ensinamento—permittamos esta approximação—nas recentes resoluções tomadas pelos nossos irmãos da Italia e de que tanta vez se teem feito notar a importancia? No programma da obra dos congressos—d'esta obra approvada e altamente incitada por Leão XIII nas suas Encyclicas—não vemos figurar, na classe das reivindicções e sustentar o principio de imposto equitativamente progressivo? Os christãos de Alem-Rheno e da Italia comprehenderam a necessidade d'uma acção popular, mas, ao mesmo tempo, não recuam deante de certas obrigações que derivam d'esta orientação. Quem quer os fins, quer os meios.

(Continua.)

RETROSPECTO DA QUINZENA

Exterior

Destrução de peixes. Insere o *Yorkire Orst* uma grave noticia, demonstrativa do que a pesca deve fazer-se sob certas condições e não a todo o transe e valendo-se de todos os meios o que, por infelicidade, tambem acontece em Portugal.

No rio Akarfe, entre Tadcaster e Kirkly Narfe, houve uma terrivel destruição de peixes sem que até á data se conhecesse a causa d'isso, ainda que muitos a attribuem ao emprego de meios destruidores na pesca.

Os peixes pereceram aos milhares, de tal forma que os seus corpos, fluctuando, dávam aquellas aguas uma côr branca.

Salmões, barbos, etc viam-se fluctuando no rio chamando a attenção geral uma duzia dos primeiros que pesavam 10 a 12 libras, e um formosissimo barbo de tres libras, cousa que raras vezes se tem visto.

*

A intelligencia anglo-franceza. A revista semanal ingleza «The Spectator» cuja auctoridade em questões de politica internacional ninguem discute na Grã-Bretanha, publica no seu ultimo numero um interessante artigo, intitulado «Intelligencia com a França», do qual extractamos os seguintes trechos:

«Porque motivo, pergunta o «Spectator», nós, os inglezes, não podemos digerir as caricaturas francezas? A verdade é que essas caricaturas valem mais que as alemãs. Advirta-se que a França que governa não é a França que desenha. Este paiz é o nosso mais proximo visinho e possui um exercito poderoso. A França é o unico contrapeso para as ambições colonias da Allemanha.

Uma intelligencia com a França é o unico meio de neutralisar a eterna politica da Allemanha, que consiste em manter a irritação perpetua entre a Russia e a Grã-Bretanha, para que aquella, distraida com outras questões, não a prejudique muito no oriente.

Segundo o nossa opinião não ha obstaculo algum invencivel para chegar a uma intelligencia com a França. Não existe esse obstaculo na Terra Nova, nem em Marrocos, onde só queremos que Tanger seja nossa ou da Hespanha; tão pouco offerece obstaculo nas Novas Hebr-

(2) Cf. *Der Wolkverein*, 7.ª edição, 1899, pag. 101.

das ambicionadas pela Australia, nem na Indo-China, a respeito da qual unicamente desejamos que Sião continue gosando da sua independencia.

E' preciso, por consequencia, chegar a uma intelligencia com a França, em vez de perpetuar uma guerra de palavras que a nada conduz.»

Interior

As falsificações estão na ordem do dia; pode dizer-se que não se falla d'outro assumpto. Descobriu-se que a população do Porto ha dois annos que vinha sendo envenenada por individuos sem escrúpulo que por amor a lucros, não hesitavam em impingir as peiores mixordias ao publico, como sendo pão da melhor farinha. A descoberta d'essa falsificação, que se deve ao nosso prezado colloga *Commercio do Porto*, veio alarmar toda a gente, As auctoridades começaram as visitas sanitarias; e, então, descobriu-se que alem do pão muitos outros generos falsificados. Os elementos de primeira necessidade, como o vinho, o azeite, o café, etc., eram objectos de subtis falsificações e adulterações, misturando-se-lhe diversos elementos extranhos, uns puramente improprios para o consumo, outros que eram verdadeiros venenos. Não sabemos o que a auctoridade fará; mas o seu dever é perseguir sem demora aquelles que defraudavam o consumidor. Juntamos n'este ponto as nossas reclamações á de toda a imprensa. Alguns falsificadores já foram entregues ao poder judicial; estimamos que os juizes sejam severissimos no castigo, como merecem aquelles que levavam tão longe o infame trafico com a saúde do publico...

*

O exercito está sendo o alvo quasi exclusivo das preoccupações do governo que entende que do que nós mais carecemos é d'uma força armada equivalente, em brilho e instrucção, á das grandes potencias. A mania imitadora começou pelas manobras militares, inuteis e espantosas que já nos levam algumas dezenas de contos de reis. Eset anno tivemos manobras em quasi todas as divisões militares, o que serviu de pretexto a diversas viajatas, a banquetes opiparos e a outras cousas que costumam sahir ao contribuinte um pouco salgadas. Como se não soubesse já como se havia de gastar mais dinheiro com um exercito inutil, inventou-se agora uma alteração de uniformes!

Estatutos do Circulo Catholico de S. José e S. Damaso.—Recebemos um exemplar dos estatutos d'este novel circulo, recentemente fundado em Guimarães, approvados pelo venerando arcebispo de Braga e pelo governador civil do districto. Agradecemos.

Relatorio do Seminario de Santo Antonio e S. Luiz Gonzaga de Braga.—Recebemos o relatorio d'este prestimoso estabelecimento, relativo ao anno lectivo de 1901 a 1902. Por elle se vê que houve o *deficit* de 1:714\$253 reis, a que mostra a recessidade das almas generosas irem em auxilio de tão util instituição.

Este anno, os alumnos d'este Seminario fizeram 236 exames, em cujo numero houve 34 adiamentos, 188 approvações e 14 distincções. Concluíram este anno os preparatorios, devendo ir frequentar o curso theologico no Seminario Conciliar, 10 alumnos, sendo 9 gratuitos e 1 semi-pensionista.

O seu dignissimo e virtuoso director, Monsenhor Joaquim Fernandes Lopes, diz que precisa de fazer obras d'urgente necessidade e que confia em Deus que alguma alma nobre virá em seu auxilio. Oxalá!

Bulletin de la Societé de Saint Vincent de Paul.—Recebemos o numero 645, referente a setembro, d'esta publi-

cação mensal, orgão da Sociedade de S. Vicente de Paulo, de Pariz.

Diccionario Apologetico da Fé Catholica—Está em distribuição mais um fasciculo, o n.º 23, d'este excellente diccionario.

A regularidade com que está sendo feita a publicação, tem dado logar a que todos os dias se inscrevam novos assignantes, receiosos de que se esgote a edição.

Bom é que assim succeda, para que não deixem de possuir, os retardatarios, uma obra de tanto valor e merecimento.

Com este fasciculo termina a letra G, e entra parte da H.

Summario dos artigos: Conclusão do monumental artigo «Galileu», que abrange 35 paginas, de J. B. Jaugey; «Gedeão»; «Geração espontanea»; «Governo (formas de)»; «Heresia» e «Homem».

Ainda continua a assignatura aos volumes ou fasciculos, sendo estes ao preço de 100 reis, de 48 paginas de texto e duas columnas e em typo muito legivel.

Editor Antonio Dourado—Rua das Flores, n.º 42, 1.º —Porto.

Biblia Sagrada.—Segue com toda a regularidade esta publicação illustrada. O fasciculo n.º 45 traz duas lindas gravuras.

E' uma bella publicação, primorosamente illustrada, que se está publicando com toda a actualidade.

Reccommendamos a acquisição a todos os leitores, tanto mais que a sua publicação, se attendermos ao luxo da edição, é extremamente barata: 60 réis por cada cadermeta e 300 réis por cada tomo.

Assigna-se e vende-se na rua de D. Pedro, 116, 1.º andar e nas livrarias.

Encyclopedia Portugueza Illustrada.—Recebemos o fasciculo 194 d'este precioso diccionario universal, publicado sob a direcção do snr. dr. Maximiano Lemos, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Comprehende 474 artigos e 14 gravuras (*Especulado a Esplanada*). Entre os artigos mais interessantes d'este fasciculo citaremos: *Espheira*, do snr. J. C. d'Oliveira Ramos; *Esprometro*, do snr. dr. Francisco Riheiro Nobre; *Espingarda*, do snr. Raposo Botelho; *Espiral*, do snr. J. C. d'Oliveira Ramos, e *Espirito Santo*, chr. braz., do snr. Jayme de Faria.

Continua a assignar-se este magnifico diccionario em todas as livrarias e no escriptorio da empresa Lemos & C.ª, successor, Largo de S. Domingos, 63-1.º, Porto. Em Lisboa são correspondentes os snrs. Belem & C.ª, Rua do Marechal Saldanha, 26.

EXPEDIENTE

Prevenimos todos os nossos illustres assignantes em debito que vamos mandar para as competentes estações postaes os recibos, e pedimos que logo que recebam aviso para satisfazer que o façam, para não nos obrigar a novas despezas.

O jornal não tem outra fonte de receita que não seja o pagamento em dia das assignaturas.

GOMES DOS SANTOS

Origens do socialismo

PREÇO 150 REIS

A' venda na redacção d'**A Palavra**, na Typographia de José Fructuoso da Fonseca, Picaria, 74, e nas principaes livrarias.

LIVROS RELIGIOSOS

A' venda na Typographia Catholica de José Fructuoso da Fonseca — Rua da Picaria, 74 — Porto

Imitação de Christo. Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada com notas por Monsenhor Manuel Marinho. Approvada e indulgenciada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Antonio, Bispo do Porto. Preços: Em percalina, 300 reis. Em carneira com folhas douradas, 500. Em chagrin douradas 1\$000

Methodo de assistir ao Santo Sacrificio da Missa. Obra extrahida da novissima edição da «Imitação de Christo», annotada e confrontada com o texto latino por Monsenhor Manuel Marinho. Obra approvada e indulgenciada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Antonio, Bispo do Porto. Preço: Enc. 100 reis. Broch. 50

Bernadette — Soror Maria-Bernarda, por Henrique Lasserre. Vertido da vigesima-segunda edição franceza por A. Peixoto do Amaral. 1 vol. broch. 400

Flôres a S. José. Meditações para o seu mez ou qualquer tempo do anno com exemplos apropriados, colloquios, etc. Extrahidas das Sagradas Escripturas, Santos Padres, doutores da Igreja e outros eminentes auctores e coordenadas por A. L. F. Obra approvada e indulgenciada. 2.^a edição. Preço: encadernado 200

Cartas Encyclicas de Sua Santidade Leão XIII — 5 vol. Broch. 2\$250. Enc. 2\$900

Vieira-Pregador pelo rev.^{mo} Padre Gonzaga Cabral. 2 vol. broch. 2\$000

Vida, virtudes e milagres do B. João Grande. 1 vol. broch. 500

Historia de Santa Chantal. 2 vol. enc. 2\$000

Historia de S. Francisco de Assis por J. M. S. Daurignac. Tradução de M. Fonseca. 1 vol. broch. 600

Cathecismo para uso do povo contra o protestantismo, composto pelo Cardeal Cuesta, Arcebispo de S. Thiago. Approvado pelo Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto, 1 vol., broch. 50

Vida Popular de S. João de Deus. Fundador da Ordem que usa o seu nome e Padroeiro de todos os hospitaes do mundo catholico, pelo Padre Ignacio Maria Maguin, sacerdote da mesma Ordem—Versão do francez pelo Padre J. M. R. S.—Com diversas approvações. 1 vol., broch. 500

As Tres Rosas dos Escolhidos Por Monsenhor Ségur. Tradução franceza pelo Ex.^{mo} Sr. Conde de Samodães—Com um breve de S. S. Leão XIII, e approved e recommendado pelo Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—Terceira edição—1 vol., broch. 200

A Mãe segundo a vontade de Deus, pelo Abbade J. Berthier M. S.—Vertida do francez, pelo sr. A. Peixoto do Amaral—1 vol., brochado. 600

A Santa Montanha de La Salette por A. J. Almeida Garret—Approvado pelo Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto. 1 vol., broch. 400

Resumo da Doutrina Christã. Com approvação do Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto. Cada cento, 1\$000 reis. Um exemplar. 20

A Questão dos Jesuítas por J. F. da Silva Esteves—1 vol. broch. 600

O Livro de Todos pelo Abbade J. Berthier M. S. Vertido do francez pelo sr. A. Peixoto do Amaral. 1 vol., broch. 600

Ladainhas ao Sagrado Coração de Jesus. Approvadas para toda a Igreja pelo Summo Pontífice Leão XIII, por decreto da S. C. dos Ritos de 2 de abril de 1899. 10

Formula de se ganhar com especialidade a Indulgencia da Porciuncula—1 folheto. 50

Preces que por ordem de Sua Santidade Leão XIII, devem ser recitadas de joelhos, depois das missas rezadas em todas as egrejas do orbe catholico—Tradução approvada pelo Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto—Em portuguez, 10 reis—Em latim e portuguez 50

Oração para se offerecer a Sagrada Communhão—Approvada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitular. 10

Sorrisos d'um velho—A verdade a rir—O erro chorando—Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—Pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. José Rodrigues Cosgaya—1 vol. Broch. 400

Formula de consagração ao Sagrado Coração de Jesus. Prescripto pelo Santo Padre Leão XIII na Encyclica de 25 de maio de 1899—Tradução approvada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitular. Cada exemplar 10

Vida popular de S. Vicente de Paulo — pelo Padre Berthier, conego honorario de Bordeus e Arcypriste de Ligorno—traduzida do francez, por M. Fonseca — Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto — 1 vol., broch. 400

A Confissão Sacramental—Pelo Ex.^{mo} Sr. Padre Manuel Marinho — Com approvação do Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto — 1 vol., broch. 250

O Apostolado da imprensa — O Apostolado da educação — O Apostolado do clero — Conferencias religiosas que nos domingos da quaresma de 1882, 1883 e 1884, recitou na Sé Cathedral do Porto, Monsenhor Luiz Augusto Rodrigues Vianna—3 vol., broch. 750

Os milagres de Ludres e o seculo XIX—Considerações sobre os milagres e replicas aos «espiritos fortes» que os põem em duvida pelo padre J. J. G. 100

Jesus Vivo no Padre—considerações sobre a excellencia e santidade do sacerdocio, pelo Rev. Padre Millet, da Companhia de Jesus. Versão da 3.^a edição franceza, pelo Rev. Padre M. M. de Almeida—Com approvação e recommendação dos Prelados portuguezes. — Um grosso vol., broch., 700, enc. 900

O mez dos Finados — Meditações para todos os dias do mez de Novembro—Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto — 1 vol., broch. 300—enc. 400

Oração funebre do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Dr. João Rebelo Cardoso de Menezes, Arcebispo titular de Larissa, Coadjutor e futuro successor de Lamego, recitada nas solennes exequias celebradas na egreja do Seminario conciliar de Braga no dia 10 de julho de 1890. Preço. 250

Os Episodios Miraculosos de Lourdes, por Henrique Lasserre Continuação e tomo segundo de Nossa Senhora de Lourdes — Obra prefaciada e vertida em portuguez por Francisco d'Azeredo Teixeira d'Aguilar, conde de Samodães—1 vol., broch. 600

Defesa da creença catholica — (refutação das «Lendas Christãs» pelo sr. Theophilo Braga) por João Manuel de Abreu. 500

Meditações para o mez de Maio pelo Padre Affonso Muzzarelli da Companhia de Jesus, com piedosos e lindos colloquios com a Santissima Virgem para todos os dias, e tocantes exemplos extrahidos das obras de Santo Affonso Maria de Ligorio e de outros bons auctores. Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto. 1 vol., broch., 100 reis, enc. 160

Modo de ouvir missa pelos defunctos e orações do boni christão. Obra recopilada por A. Peixoto do Amaral. Com approvação do Em.^{mo} Sr. Vigario Capitular. 1 vol., broch., 100—enc. 160

As Chammas do Amor de Jesus—ou provas do amor que Jesus tem testemunhado na obra da nossa redempção, pelo Abbade D. Pinnard (5.^a edição). Tradução pelo Reverendo Padre Silva, professor do Collegio de Cucujães e precedido d'uma carta encomiastica de Monsenhor Rodrigues Vianna, dignissimo director espiritual dos Seminarios Diocesanos do Porto. E' um livro precioso e já conta as valiosissimas approvações e recommendações do Em.^{mo} Sr. Cardeal D. Americo, Bispo do Porto; Em.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, e dos Ex.^{mos} Srs Bispos d'Angra, de Macau, do Funchal, e do Arcebispo Bispo do Algarve. Um volume de perto de 500 paginas in-16.^o—Preço brochado, 500 reis e pelo correio 540 reis; encadernado, 700 reis e pelo correio 740

A sahir do prélo:

Flores ao SS. Coração de Jesus.

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—R. da Picaria, 74—PORTO.

**José Joaquim d'Oliveira
PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO
103, Rua do Souto, 105 — BRAGA**

*Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,
Industrial de Lisboa de 1888
e Universal de Paris de 1889*

Fabrica de lamascos de sêda e ouro, lisos e lavrados; paramentos para egreja; galões e franjas d'ouro fino e false; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portuguezas.